



## **ECONOMIA**

RISCO DE SEGUNDA ONDA DO COVID-19 NO MUNDO E AUMENTO DO RISCO FISCAL NO BRASIL  
FORAM OS DESTAQUES DE SETEMBRO DE 2020

## SOBRE O MÊS

Em setembro de 2020, com o receio de uma nova onda de Covid-19 ao redor do mundo, em especial na Europa, o mercado financeiro aproveitou para realizar lucros, após cinco meses consecutivos de forte alta/recuperação, derrubando os ativos globais no acumulado do mês. Ainda, com o fim próximo de pacotes de auxílios fiscais, a atividade econômica também mostra sinais de estabilização, gerando preocupações e pedidos de novos pacotes de estímulo às economias.

No Brasil, o cenário foi parecido, com um incremento a mais, o risco fiscal. Enquanto, países desenvolvidos podem e estão gastando recursos que não possuem sem gerar quase nenhum receio quanto ao pagamento futuro da dívida, por aqui a situação é diferente. Para suavizar a crise causada pela pandemia, o nosso Governo teve que gastar bastante, e mais, sua arrecadação diminuiu, logo, a conta ficou bem negativa.

Por outro lado, os gastos, principalmente com o Auxílio Emergencial, aumentaram a popularidade de Bolsonaro, processo natural de se esperar, aconteceu o mesmo com Lula anos atrás. E neste caminho, surgiram ruídos sobre o presidente usar este caminho mais gastador para conseguir uma fácil reeleição, o que seria terrível para o quadro fiscal nos próximos anos. Logo, o mercado precificou nos ativos um aumento significativo no risco fiscal no país. Aliado a isto, desentendimentos entre a equipe econômica do Governo e o Congresso também afetou o preço dos ativos no decorrer do mês, o famoso risco-Brasil em destaque.

Todavia, pelo menos o nosso Banco Central deixou claro sua intenção de manter a taxa básica de juros em patamar baixo por um longo período, excelente para o processo de recuperação da economia no próximo ano, claro, condicionou a taxa mais baixa ao controle das contas públicas e andamento das reformas estruturais. E mais, apesar da inflação está elevada no curto prazo, por conta da pressão dos preços de alimentos, a expectativa de longo prazo se mantém estável.

Quanto às eleições americanas, após pesquisas que Biden estava à frente de Trump, os ativos se comportaram bem, passando a mensagem que o mercado está satisfeito com uma vitória do candidato democrata, que atualmente está bem à frente nas pesquisas.

Neste contexto, no mês, os títulos públicos indexados à inflação (NTN-Bs) rentabilizaram na média -1,51%, enquanto, os títulos públicos pré-fixados (LTNs e NTN-Fs) rentabilizaram -0,56%. A surpresa em setembro foi a rentabilidade negativa dos títulos públicos pós-fixados (LFTs), de -0,27%. Historicamente, este título não apresenta volatilidade e rentabiliza muito próximo ao seu indexador, a taxa Selic, a percepção de um maior risco fiscal foi o causador desta anormalidade. O ativo livre de risco, representado pelo CDI, rentabilizou 0,16% no mês.

Nos investimentos em ações, o principal índice acionário brasileiro, o Ibovespa, apresentou retorno de -4,80%. Nos EUA, o S&P 500 principal índice acionário americano, rentabilizou -3,92%, e o MSCI World, principal indicador global de ações, rentabilizou -3,59%.